

A DIALÉTICA HEGELIANA ENTRE SENHOR E ESCRAVO NO MUNDO TECNOLÓGICO

Pablo dos Santos França¹
Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

Este artigo aborda um tema atual para discussão e profunda reflexão a saber: a dialética hegeliana entre senhor e escravo no mundo tecnológico e com seu auxílio analisar uma possível reflexão em forma da síntese entre o homem e a tecnologia. Portanto, busca-se analisar o homem contemporâneo e seu desejo de realização, o impacto da tecnologia no mundo contemporâneo, a dialética senhor e escravo segundo Hegel, aplicar a dialética hegeliana entre o homem e a tecnologia e por fim analisar uma possível leitura sintética entre o homem e a tecnologia. Para tais objetivos serem alcançados foi utilizado o método dedutivo, a pesquisa exploratória e bibliográfica tendo como base o capítulo IV da obra Fenomenologia do Espírito de Hegel, o que foi obtido como resultado os caminhos de possíveis reflexões entre o homem e a tecnologia bem como uma reflexão mediante o seu uso.

Palavras-chave: Dialética. Senhor. Escravo. Homem. Tecnologia.

ABSTRACT

This article addresses a current theme for discussion and profound reflection: the Hegelian dialectics between master and slave in the technological world and with their help analyze a possible reflection in the form of the synthesis between man and technology. Therefore, it seeks to analyze contemporary man and his desire for fulfillment, the impact of technology in the contemporary world, the dialectics between master and slave according to Hegel, to apply Hegelian dialectics between man and technology, and finally to analyze a possible synthetic reading between man and technology. In order to achieve these objectives, the deductive method was used, as well as exploratory and bibliographical research based on chapter IV of the work Phenomenology of the Spirit of Hegel, which resulted in possible paths of reflection between man and technology, as well as a reflection through its use.

Keywords: Dialectics. Sir. Slave. Man. Technology

¹ Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: pablosgp18@gmail.com

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduação em Filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universitas Gregoriana – Roma (2006). E-mail: slorenzoni@ucv.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar e discutir o relacionamento entre o homem e a tecnologia no mundo contemporâneo. Esta reflexão é necessária pois o relacionamento homem/tecnologia tem aumentado de forma alucinante a cada dia. Para iluminar esta reflexão será utilizado o pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo moderno de nacionalidade Germânica, sua principal obra foi a Fenomenologia do Espírito escrita em 1807. Sendo assim a intenção de Hegel na fenomenologia é articular com o fio de um discurso científico – ou com a necessidade de uma lógica – as figuras do sujeito e da consciência que se desenham no horizonte do seu confronto com o mundo objetivo (LIMA VAZ, 1992).

A Dialética do Senhor e Escravo encontra-se no capítulo IV desta obra que será utilizada para descrever o relacionamento do homem e a tecnologia no mundo contemporâneo. Esta dialética é uma parábola entre uma consciência de si independente e outra dependente, pois para Hegel a vida se mostra apetitiva e desejosa achando que tudo está para ela, porém ao se encontrar com outra autoconsciência nasce uma luta do desejo do outro, no qual, quem vence se torna senhor e quem abre mão de seu desejo, torna-se escravo. Neste sentido, o senhor fica dependente do escravo para sobreviver e o escravo se refugia no mundo do pensamento em que ele denomina como senhor de si. Esta dialética é muito atual, vivendo-a de várias formas.

A semelhança com o mundo contemporâneo está no encontro de várias realidades, porém o que mais chama a atenção é o relacionamento entre o homem e a tecnologia. Nesse ponto, há de se observar que não é mais uma relação entre duas autoconsciências como dizia Hegel, e sim à luz de sua dialética pode-se aplicá-la mudando os personagens, sendo agora a conexão entre o homem e a tecnologia a fim de ajudar a pensar como se relacionar com ela. A problemática diante dessa dialética é tentar chegar a uma possível leitura sintética entre o sujeito e a inteligência artificial.

De fato, o homem tem uma postura autônoma ou é apenas uma marionete nas mãos da tecnologia? O homem usa a tecnologia como meio ou como finalidade, dependendo dela para sua existência ganhar um sentido? Posto isso, a tecnologia ajudou o homem a ir à lua, possibilitou o conhecimento e a cura de várias doenças,

ajudou o ser humano a manter o relacionamento com seu semelhante mesmo estando distantes um do outro, e contribuiu muito para o avanço do mundo de forma espetacular e constante, a ponto do ser humano começar a se questionar, até onde e quando irá o avanço de tanta evolução. Qual será o ponto delimitador para a evolução tecnológica?

No entanto, é importante que a tecnologia também seja um meio para que o homem possa se conhecer obtendo sua identidade na diferença. Nesta possível leitura sintética é importante que a inteligência artificial sirva o homem com os seus recursos, sem se refugiar totalmente no lucro, pois também precisa do sujeito para continuar os seus avanços. Diante disso, é possível chegar a uma análise em forma de síntese sobre esta dialética entre o homem e a tecnologia, e neste movimento é necessário que o sujeito use-a com consciência, ou seja, que ele não aliene-se na inteligência artificial, a ponto de depender dela como um único ideal ou caminho para ter uma identidade, e utilize-a para atender suas necessidades. É importante que o homem se beneficie dos recursos tecnológicos, para buscar informações de forma rápida: conhecimento, curas e recursos que cooperem com seu bem-estar.

A tecnologia, por sua vez, não deve se refugiar no lucro. É necessário que ela tenha como propósito, atender às necessidades do ser humano, pois ela também precisará dele para seu desenvolvimento e avanços cada vez mais sofisticados. Deste modo, essa pesquisa contribui para a vida social, a fim de que o homem tenha um olhar sobre a tecnologia e os seus benefícios, porém atentá-lo sobre sua posição em relação a ela, para que faça uma boa reflexão como usuário, sem deixar de abrir mão de si mesmo, tornando-se escravo, mas atribuindo-a o valor necessário. Na vida acadêmica, esse tema se faz atual pois a tecnologia tem beneficiado no aprendizado a qual lhe deu várias contribuições, apesar disso é necessário ficar atento para não fazer dela o único meio de busca pelo conhecimento, uma vez que no âmbito filosófico, é importante a reflexão sobre o relacionamento do sujeito com a inteligência artificial, já que seu avanço é inevitável e cada vez mais pessoas estão tendo acesso a ela. Neste momento, surge uma questão: O homem é o sujeito desta dialética ou a tecnologia o faz dependente dela?

Por fim, é relevante uma análise autêntica desta temática para que o indivíduo faça uma reflexão sobre como é o seu relacionamento com a inteligência artificial e sua

postura em relação a ela, e a mesma também se atente em ajudar o homem ao atende-lo em suas necessidades de forma que ele não se prenda totalmente a ela.

2. O HOMEM CONTEMPORÂNEO E SEU DESEJO POR REALIZAÇÃO

A reflexão sobre as ações do homem contemporâneo mostra-se ampla e atual, uma vez que foi e continua sendo discutida por vários filósofos, porém será refletido apenas o seu desejo por realização. Para que se faça um bom caminho de compreensão será usada como base a filosofia de Hegel, primeiramente se faz necessário uma observação, antes de falar a respeito do desejo, precisa-se tratar sobre a consciência. Segundo Reale (2017, p. 926):

A etapa inicial é constituída pela consciência entendida em sentido gnosiológico (e, portanto, na sua acepção mais restrita), que é o tipo de consciência que olha e conhece o mundo como diferente de si e independente de si. Ela se desdobra nos três momentos sucessivos: da certeza sensível; da percepção; do intelecto.

Desta maneira, a certeza sensível é o momento em que o particular aparece como verdade, mas também é contraditória, pois para compreender o particular é necessário passar pelo geral, desta forma, no segundo momento, o da percepção, o objeto parece ser a verdade, até que resulta um em muitos, uma vez que é um objeto com muitas propriedades ao mesmo tempo. Já no terceiro momento, o do intelecto, o objeto é apresentado como um fenômeno, ou melhor, um produto de forças e leis, momento em que a consciência compreende que o objeto depende de algo diferente, ou seja, do intelecto e de modo algum de si mesmo, uma vez que o objeto se soluciona no sujeito. Em vista disso, a consciência se torna autoconsciência, ou melhor, passa a saber de si.

Desta forma, ao se tornar autoconsciência, ou melhor, consciência de si mediada pelas etapas citadas acima, ela começa a conhecer o que ela é propriamente, e uma de suas características vai se desenvolver através do apetite e do desejo, e agora essa consciência inicia o seu trabalho de querer lançar-se sobre a realidade com vontade de supri-la, e essa consciência que deseja é movimento, sendo assim ela constitui uma ação direta ao objeto que será apresentado à consciência como sendo um objeto vivo.

Para nós, ou em si, o objeto que para a consciência-de-si é o negativo, retornou sobre si mesmo, do seu lado; como do outro lado, a consciência também [fez o mesmo]. Mediante essa reflexão-sobre-si, o objeto veio-a-ser vida. O que a consciência de si diferencia de si como *essente* não tem apenas, enquanto é posto como *essente*, o modo da certeza sensível e da

percepção, mas é também refletido sobre si; o objeto do desejo imediato é um ser vivo (HEGEL, 2002, p. 137).

Diante dessa introdução a respeito do desejo do homem em se realizar, vemos que no princípio da sua existência o sujeito se percebe, tem consciência de si e conseqüentemente traz o desejo de fazer com que o objeto se torne um ser vivo. Esse movimento reflete o homem contemporâneo que se encontra vulnerável diante de um “[...] drama existencial que só o homem é dado a viver” (LIMA VAZ, 1992, p. 171). Diante disso, ele pode facilmente se inclinar a qualquer caminho que se apresente como uma forma de realização, os quais cita-se vários que podem ser usados como finalidade: o capitalismo, os meios tecnológicos, o consumismo, dado que:

Se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos: nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação [...]. De todos os lugares, por intermédio de todos os meios de comunicação, a mensagem surge forte e clara: não existem modelos, exceto os de *apoderar-se de mais* [...] (BAUMAN, 1998, p. 56).

Está constado que o homem busca na matéria uma realização que não o preenche, mas fica anestesiado. Ele sente prazer diante dessas buscas, pois a cada conquista, compras, ou a elevação de cargo é experimentada uma sensação de prazer e felicidade que pode levá-lo ao vício e “no mundo dos consumidores as possibilidades são infinitas, e o volume de objetivos sedutores à disposição nunca poderá ser exaurido” (BAUMAN, 2001, p. 93-94). Há também o capitalismo, sendo esse mais um caminho que se apresenta como possibilidade de realização para o homem. Sabido é que o capitalismo visa sempre o lucro mediante a produção, como o Fordismo que

[...] era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “volumosa”, ou “imóvel” e “enraizada”, “sólida” [...] amarrados pelas combinações de fábricas enormes, maquinaria pesada e força de trabalho maciça (BAUMAN, 2001, p. 75).

Sendo assim, em um primeiro momento o capitalismo se apresenta de forma pesada, com as produções em massa. O homem começa a trabalhar de forma massificante, e com um capital muito fixado.

Hoje, porém, o capital se apresenta de forma leve, “[...] apenas como bagagem de mão, que inclui nada mais que, pasta, telefone celular, e computador portátil. Pode saltar em quase qualquer ponto do caminho, e não precisa demorar-se em nenhum lugar além do tempo que durar sua satisfação” (BAUMAN, 2001, p. 76), ou seja, o capitalismo ao longo tempo vai se tornando plástico, não sendo mais algo fixo, mas algo que se encontra em todo o lugar. Diante desta evolução é real o risco do homem

se tornar escravo, se refugiando, gananciosamente, no lucro e assim o capitalismo vai aprisionando-o de forma sutil sem que este perceba.

No consumismo não é muito diferente, pois é como um prato cheio de coisas belas oferecidas ao homem com uma fome insaciável pelo ter e que vê no consumo a satisfação de um desejo momentâneo, uma vontade de realização que fica à mercê das compras. “Na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores; já que a maioria dos corredores, na pista, tem músculos muito flácidos e pulmões muito pequenos para correr velozmente” (BAUMAN, 2001, p. 94). O homem jamais poderá ter tudo o que é oferecido para que ele satisfaça suas necessidades, tendo em vista que as metas de produção estão avançando rapidamente e o indivíduo deixará de comprar por obrigação e passará a almejar as coisas como um desejo e este deve ser sempre renovado.

“A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis – não mais por regulação normativa” (BAUMAN, 2001, p. 99). Ou seja, no mundo dos consumidores não se tem normas pois o importante é a busca insaciável pelos bens materiais e o homem contemporâneo com o desejo de ser realizar, mediante este caminho apresentado, pode facilmente se seduzir pelo consumismo, que também o consome.

Por fim, trataremos dos impactos provocados pelos meios tecnológicos no mundo contemporâneo e faremos uma reflexão de seu uso no cotidiano das relações humanas. Tamanha complexidade exigirá uma postura autônoma do homem frente à tecnologia.

3. O IMPACTO DA TECNOLOGIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

É fato que a tecnologia se apresenta de forma arrebatadora no mundo contemporâneo, nunca se teve tantas informações e avanços tecnológicos durante toda a história da humanidade. No presente século, o planeta Terra é amplamente controlado, vigiado e manipulado, ao mesmo tempo, foram descobertas curas, o conhecimento de doenças que ao longo da história sempre causaram pânico. Os deslocamentos estão cada vez mais rápidos através dos meios de transportes, e também pelas redes sociais, podendo o ser humano estar em vários lugares ao mesmo tempo, e fora de si mesmo. Todas essas reflexões são importantes e podem

causar um grande conforto, ou será que não? Será que trará mais medo ou sensação de conforto, visto que a cada momento é fabricado armas mais letais, bombas que podem simplesmente exterminar a vida na Terra.

Em sua etimologia, a palavra tecnologia vem do grego “*techne*”, isto é, técnica juntamente com “*logos*“, ou seja, razão. Assim sendo, ela foi criada pelos seres humanos, e como se vê no exposto acima, sua grande finalidade é atender, satisfazer um desejo que também é de realização. A vista disso, está claro que, “o fato de que toda produção, técnica ou tecnológica, é manifestação de um saber” (CUPANI, 2016, p. 13). Esse saber constitui o homem, e a sua manifestação será através de tudo o que é produzido, pois também é uma das formas que ele pode se realizar, produzindo, modificando a natureza, colocando-a a seu favor, pois, também é parte constitutiva do homem a sua “[...] totalidade intencional [...] o homem está no mundo em situação fundamentalmente ativa, ou é ser-no-mundo” (LIMA VAZ, 1991, p. 179).

Posto isso, o homem em sua total condição ativa, mediante as suas produções tecnológicas, se encontra em uma situação delicada, ou seja, ele pode se fazer e no mesmo instante desfazer sua liberdade. Ao abrir mão de si ele deixa com que os produtos ou meios tecnológicos pense por ele, trabalhe em seu lugar, o homem vive em mundos virtuais e nega o mundo real, acaba só desfrutando da tecnologia e não sabe mais ser o sujeito de si mesmo, se isola de sua realidade e da sociedade, porém, “por mais sozinhos que possamos estar e/ou nos sentirmos, no mundo on-line estamos potencialmente sempre em contato” (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 67), desta forma podemos dizer que “O ser-em é ser-com os outros” (HEIDEGGER, 2013, p. 175).

O homem mediante a criação tecnológica e seus avanços crescentes gera um mundo artificial que na contemporaneidade ganha mais valor que o mundo natural, uma vez que se torna mais fácil e rápido o trabalho, seja em casa, empresas, sobrando mais tempo para produtividade. Desta maneira, pode-se facilmente terminar um dia de expediente e deixar a máquina programada para continuar o trabalho tendo-se o controle no próprio smartphone e assim, aos poucos tirando de si suas capacidades e atribuindo-as à máquina.

As tentativas de modelar o comportamento do cérebro com base no computador (inteligência artificial) seguem essa tendência, e o uso cada vez mais estendido da expressão “programar-se para uma tarefa” prova que ela é assumida como normal (CUPANI, 2016, p. 191).

Diante dessa normalidade que surge, há também um grande perigo, pois, ao ficar preso no mundo artificial com capacidade idêntica ao cérebro, o homem pode facilmente se tornar independente da natureza, uma vez que a máquina faz tudo. Também não precisa parar de trabalhar quando está chegando à noite ao acabar a luz natural, liga-se a artificial, não precisa mais sair de casa para interagir com outras pessoas, pois no mundo falso pode-se comunicar com milhares ao mesmo tempo sem que ninguém esteja se vendo.

Com a tecnologia, praticamente tudo se torna mais rápido, desde compras, informações, meios de transportes até armas letais, pois “o mundo se acelera cada vez mais (a velocidade, é necessário recordar, é uma das características da tecnologia) e não há tempo de ‘olhar para trás’” (CUPANI, 2016, p. 192).

Desse modo, o homem conseguiu materializar a tecnologia e descrevê-la de vários modos em tudo o que é produzido pode ser adquirida das mais variadas formas, pois, “o cidadão-consumidor passou a ter uma diversidade de possibilidades de escolhas e se inseriu na Sociedade Digital e da Informação, onde tem o poder de realizar todo tipo de operações” (KOHN; MORAIS, 2007, p. 9). A tecnologia faz parte do cotidiano das pessoas, deixando-as cada vez mais vulneráveis à dependência tecnológica, dessa forma, ela vai, de forma progressiva, se desenvolver, como diz Hegel:

[...] O objeto, ao ser descrito, perdeu por isso o interesse: se um for descrito, um outro deve ser tomado em consideração e sempre procurado, para que a descrição não se esgote. Quando não é tão fácil encontrar coisas que sejam novas, então é preciso voltar às já encontradas, dividi-las e analisá-las ainda mais, e nelas descobrir ainda novos aspectos da coisidade (HEGEL, 2002, p. 181-182).

É notório que, dificilmente chegaremos a um limite, pois diante do objeto descrito, criado e conhecido, o homem consegue voltar para a peça em caso de uma barreira de ideias e pelo mesmo objeto alcança uma outra inovação e analisar, obtém um novo meio tecnológico, mais moderno, sofisticado, não havendo de certo modo um limite para a tecnologia no mundo contemporâneo, cabe ao próprio homem saber usá-la e atribuir o seu devido valor em uma postura autêntica para supostamente chegar a uma síntese.

4. A DIALÉTICA SENHOR E ESCRAVO SEGUNDO HEGEL

A dialética senhor e escravo se encontra no capítulo IV da obra Fenomenologia do Espírito. Esta acontece no momento em que duas consciências se encontram, ambas

veem o mundo na certeza de que tudo está para elas, e logo se encontram e têm em si o desejo de obter o desejo da outra, fazendo com que a ação de uma seja sua mesma ação.

Mas esse movimento da consciência-de-si em relação a uma outra consciência-de-si se representa, desse modo, como o agir de uma (delas). Porém esse agir de uma tem o duplo sentido de ser tanto o seu agir como o agir da outra; pois a outra é também independente, encerrada em si mesma, nada há nela que não seja mediante ela mesma (HEGEL, 2002, p. 143).

Desta forma, elas entram em uma luta e a consciência que vence se torna senhor. “Devem travar essa luta, porque precisam elevar à verdade, no Outro e nelas mesmas, sua certeza de ser-para-si” (HEGEL, 1992, p. 128). Uma vez que o servo teme a morte, sendo derrotado e na esperança de se salvar, aceita a condição de escravidão se tornando como um objeto dependente do senhor,

[...] são como duas figuras opostas da consciência: uma, a consciência independente para a qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um Outro. Uma é o senhor, outra é o escravo (HEGEL, 2002, p. 147).

Nesse processo, o senhor usa o servo e o faz trabalhar para si e desfruta de tudo o que ele faz, e essa relação é feita em um movimento dialético, ou seja, no futuro ocorrerá a inversão das partes. Desta forma, o senhor que era independente acaba por se tornar dependente de tudo o que é feito pelo escravo a ponto de desaprender tudo o que antes sabia e o escravo acaba por se tornar independente, pois aprende a fazer as tarefas que cabiam ao seu senhor.

[...]. Ao contrário, para o senhor, através dessa mediação, a relação vem-a-ser como a pura negação da coisa, ou como gozo – o qual lhe consegue o que o desejo não conseguia: acabar com a coisa, e aquietar-se no gozo. O desejo não o conseguia por causa da independência da coisa; mas o senhor introduziu o escravo entre ele e a coisa, e assim se conclui somente com a dependência da coisa, e puramente a goza; enquanto o lado da independência deixa-o ao escravo, que a trabalha (HEGEL, 2002, p. 148).

O senhor também não será capaz de se realizar como autoconsciência porque o escravo que é reduzido a coisa, não poderá ser um polo dialético para que o patrão possa se confrontar. Todavia, o servo pode sim, encontrar no senhor o seu polo dialético para que ele se reconheça como consciência e se torne independente, em virtude de que a consciência do senhor é a que manda e o escravo faz o que ele ordena.

A verdade da consciência independente é, por conseguinte a consciência escrava. Sem dúvida, esta aparece de início fora de si, e não como a verdade da consciência-de-si. Mas, como a dominação mostrava ser em sua essência o inverso do que pretendia ser, assim também a escravidão, ao realizar-se cabalmente, vai tornar-se, de fato, o contrário do que é imediatamente;

entrará em si como consciência recalcada sobre si mesma e se converterá em verdadeira independência (HEGEL, 2002, p. 149).

A autoconsciência só poderá chegar a uma consciência ao passar pelas etapas do: estoicismo, ceticismo, e da consciência infeliz. O estoicismo irá representar a liberdade da consciência, que ao se reconhecer como coisa pensante se eleva do senhorio e da forma de escravidão, “[...] no pensar, Eu sou livre; porque não estou em um Outro, mas pura e simplesmente fico em mim mesmo, e o objeto que para mim é essência, é meu ser para mim, em unidades indivisa; e meu movimento em conceitos é um movimento em mim mesmo” (HEGEL, 2002, p. 152-153). O estoicismo, ao querer libertar o homem de seus impulsos e suas paixões, leva-o a se isolar da vida e sua liberdade fica abstrata, o mesmo se retrai dentro de si e não supera a sua alteridade.

Posto isso, a consciência infeliz, se dá no momento em que ela tem fragmentos da consciência de si, uma vez que busca seu objetivo em algo que é alcançável em um além, ou seja, é posta neste mundo, mas está inclinada a um mundo inalcançável. A liberdade no pensamento tem somente o puro pensamento por sua verdade; e verdade sem a implementação da vida. Por isso, é ainda só o conceito da liberdade, não a própria liberdade viva (HEGEL, 2002). Isto é, por mais que o escravo seja livre em seu pensamento, jamais conseguirá viver a liberdade, ele apenas afirmou um mundo interior e negou o exterior, e assim continua em sua escravidão no modo de ser aí.

Essa consciência pensante, tal como se determinou, como liberdade abstrata, é portanto somente a negação incompleta do ser-outro; apenas se retirou do ser-aí, para si mesma; e não se elevou a cabo como absoluta negação do ser-aí nela. De certo, o conteúdo vale para ela só como pensamento: aliás como pensamento determinado, e ao mesmo tempo como determinidade enquanto tal (HEGEL, 2002, p. 155).

A partir desse momento, o estoicismo se transforma ceticismo, então, o homem passa a ter uma postura de negação do mundo, ou seja, tudo o que a consciência tomava como certa se esvazia e leva a sua autocontradição, pois nega as coisas mesmas que é obrigada a fazer, nega a validade da percepção e percebe, nega a validade do pensamento e pensa, nega os valores morais e assim age de acordo com eles (REALE, 2017).

Mediante essa negação consciente de si, garante a consciência-de-si para si mesma a certeza de sua própria liberdade: produz a experiência da liberdade, e assim a eleva à verdade. O que desvanece é o determinado ou a diferença que se estabeleça como firme e imutável, de qualquer modo e seja donde for (HEGEL, 2002, p. 156-157).

Com base nestes aspectos referentes à dialética do senhor e escravo, será feito um caminho, cujo intuito é mostrar como o homem em seu relacionamento com a tecnologia tem se tornado escravo. A tentativa de chegar a uma possível síntese sobre uma postura autônoma do homem, que tem ficado progressivamente dependente, perpassa por uma profunda reflexão.

5. APLICAR A DIALÉTICA HEGELIANA ENTRE O HOMEM E A TECNOLOGIA

Como descrito a cima, a dialética senhor e escravo se inicia mediante o encontro entre duas autoconsciências, as quais percebem que tudo o que existe está para elas, e que possuem o desejo de obter as coisas para se realizarem a ponto de desejar o desejo da outra.

Como porém, é consciência, cada extremo vem mesmo para fora de si; todavia ao mesmo tempo, em seu ser-fora-de-si, é retido em si; é para si; e seu ser-fora-de-si é para ele. É também para ele que imediatamente é e não é outra consciência; e também que esse Outro só é para si quando se suprassume como para-si-essente; e só é para si no ser-para-si do Outro (HEGEL, 2002, p. 144).

Neste caso, a consciência ao se encontrar com o outro, vê como parte fundamental para a satisfação de seu desejo em se fazer, querer tudo para si mediante o oposto. Deste modo, para que esta dialética seja aplicada no relacionamento entre o homem e a tecnologia, será necessário observar que neste momento os personagens mudam, pois não é mais duas autoconsciências que se encontram, mas este relacionamento se dá no encontro entre o homem e a inteligência artificial, ou seja, a tecnologia.

Sabe-se, portanto, que a tecnologia é uma criação do homem para si, para atender as suas necessidades de modo a facilitar a vida da sociedade, encurtar distâncias, substituir o trabalho manual pesado por um mais leve e rápido, a fim de obter todo esse benefício com um só clique. Cupani (2006, p. 14) destaca o seguinte:

Apesar de que a habilidade técnica parece acompanhar a existência humana desde seus primórdios (o que levou estudiosos a definir o homem antes como *homo faber* do que como *homo sapiens*), a intervenção da *ciência* na produção de artefatos é vista geralmente como geradora de uma diferença importante entre a técnica tradicional, baseada no conhecimento empírico do mundo, e a tecnologia, resultante da aplicação do *saber teórico*.

Posto isso, fica claro para todos a evolução que o homem obteve durante a história a qual passa de conhecimento empírico do mundo para um saber teórico e assim chegar a tecnologia com as finalidades vista acima. Neste relacionamento dialético entre homem e a tecnologia, precisa-se atentar que tipo de homem vai se dá, ou até mesmo analisar uma possível síntese. Sabe-se que na luta entre as duas consciências aquele

que vence se torna senhor e o que abre mão de seu desejo se torna escravo, o que não é muito diferente no momento em que se muda os personagens.

O homem acaba por se achar o senhor nesta dialética e de fato é, pois é ele quem programa a máquina para trabalhar, mediante os estudos e avanços científicos. Ele produz cada vez mais os meios dos quais sente a necessidade. A tecnologia está em constante processo de evolução através do homem em uma condição de escrava, pois está a seu serviço e o homem a reconhece como uma duplicação de si. Hegel (2002, p. 144) afirma o seguinte:

Consideremos agora este puro conceito do reconhecimento, a duplicação da consciência-de-si em sua unidade, tal como seu processo se manifesta para a consciência-de-si. Esse processo vai apresentar primeiro o lado da *desigualdade* de ambas, os quais, como extremos, são opostos um ao outro; um extremo é só o que é reconhecido; o outro, só o que reconhece.

O homem a princípio é o que reconhece a tecnologia como sendo sua criação, mas é necessário indagar se ainda hoje ele a identifica, ou se a tecnologia o modela para ele ser reconhecido, pois no intuito de ser o senhor, nota-se que cada vez mais o indivíduo tem se tornado escravo desde gestos simples até chegar a raciocínios de complexidade inimaginável.

Portanto, está presente o momento do reconhecimento no qual a outra consciência se suprassume como ser-para-si, e assim faz o mesmo que a primeira faz em relação a ela. Também está presente o outro momento, em que o agir da segunda consciência é o próprio agir da primeira, pois o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação. O agir do escravo não é um agir puro, mas um agir inessencial (HEGEL, 2002 p. 148).

Ao exercer o senhorio sobre a tecnologia, o homem a usa com o intuito de que ela trabalhe para si, enquanto ele goza de tudo o que é feito. Isso fica claro a partir da revolução industrial, com a criação das máquinas a vapor para facilitar o trabalho do homem que antes era muito pesado e que durante anos eram feitos manualmente durante décadas.

As modificações sociais a partir das tecnologias abarcam várias facilidades, porém acarretam problemas de diferentes ordens, chamados muitas vezes de “efeitos colaterais”, numa alusão ao uso de um remédio que cura a doença, porém causa algum desconforto ou dor de cabeça (KOHN; MORAIS, 2007, p. 10).

Então, a tecnologia criada para servir o homem, passa a lhe causar sérios problemas “gerando doenças físicas e psicológicas” (FILHO, 2017, p. 61), na parte física, por exemplo, o aumento de lesões por esforços repetitivos (LER) e Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho (DORT) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Porém, nos últimos anos o trabalho braçal tem diminuído devido ao grande avanço tecnológico, obviamente que os danos físicos também caíram, o homem goza de seus benefícios, ou seja, basta ele programar a máquina para esta ou aquela função, esta, por sua vez, transformou o ser humano em dependente e passivo de sua utilização. Neste contexto fica quase palpável a sensação de que o homem contemporâneo está desprovido das articulações hábeis que lhes são inerentes (KOHN, 2007). Sendo assim,

O trabalho, [...] para alguns foi facilitado em novíssimas profissões ligadas à comunicação, à informação e à tecnologia. No entanto, para outros, se tornou escasso e impossibilitado, já que as máquinas, dotadas de alta tecnologia, tomaram conta do setor de produção de bens e de serviços, substituindo mão-de-obra operária e exigindo que os poucos funcionários sejam dotados de um conhecimento técnico cada vez mais avançado e específico (KOHN; MORAIS, 2007, p. 11).

Ou seja, o sujeito neste momento ao deixar com que a máquina trabalhe em seu lugar, começa a desaprender as coisas mais simples, como por exemplo cálculos, pois se tornou automático para grande parte das pessoas recorrerem à calculadora. Ela já dá todo o resultado no mesmo instante, o próprio trabalho manual foi tomado pelas máquinas que hoje fazem a grande maioria das tarefas, fica claro que assim como na dialética de Hegel entre duas consciências, agora também entre o homem com a inteligência artificial os papéis começam a se inverterem como nos afirma Hegel:

A consciência inessencial é, nesse reconhecimento, para o senhor o objeto que constitui a verdade da certeza de si mesmo. Claro que esse objeto não corresponde ao seu conceito; é claro, ao contrário, que ali onde o senhor se realizou plenamente, tornou-se para ele algo totalmente diverso de uma consciência independente; para ele, não é uma tal consciência, mas uma consciência dependente (HEGEL, 2002, p. 149).

O homem que antes era o senhor desta dialética exercida sobre a tecnologia, passa a ser dependente dela como visto a cima, neste momento mediante o trabalho o sujeito pode ter danos não só físicos, mas também psicológicos, pois “jamais se viu antes uma prevalência tão grande de doenças mentais relacionadas ao trabalho” (FILHO, 2017, p. 61). Doenças que se manifestam das mais variadas formas, como nomophobia, doença ligada ao medo de ficar sem celular, insônia, depressão e tantas outras consequências maléficas à saúde humana, advindas do uso desenfreado da tecnologia.

Torna-se necessário analisar um caminho de uma possível síntese neste relacionamento entre o homem e a tecnologia com questões a serem refletidas para que o sujeito esteja atento sobre o que pode acontecer caso não faça uma reflexão,

pois no atual momento deste artigo percebe-se que o indivíduo que antes era senhor ao ter como polo dialético a tecnologia, passa de uma condição ativa para passiva até desaprender tarefas simples do seu dia a dia e abrir mão de uma postura autônoma ou até de refletir como tem se relacionado com a inteligência artificial.

6. ANALISAR UMA POSSÍVEL LEITURA SINTÉTICA ENTRE O HOMEM E A TECNOLOGIA A PARTIR DA DIALÉTICA SENHOR E ESCRAVO

Ao utilizar como fio condutor a dialética senhor e escravo e após observar a inversão dos valores e até mesmo o impacto que a Inteligência artificial pode exercer sobre a homem, será necessário neste momento observar que em Hegel o senhor, não tendo mais como polo dialético o escravo, ele se refugia juntamente com o escravo no mundo do pensamento, pois não importa ser escravo ou senhor em tal mundo, no seu pensar eles se veem em uma liberdade, porém nenhum dos dois realizados concretamente, Hegel neste momento denomina este fato de estoicismo, pois:

No pensar, Eu sou livre; porque não estou em um Outro, mas pura e simplesmente fico em mim mesmo, e o objeto, que para mim é a essência, é meu ser-para-mim, em unidade indivisa; e meu movimento em conceitos é um movimento em mim mesmo. [...] Como é sabido, chama-se *estoicismo* essa liberdade da consciência-de-si, quando surgiu em sua manifestação consciente na história do espírito. Seu princípio é que a consciência é essência pensante e que uma coisa só tem essencialidade, ou só é verdadeira e boa para ela, na medida em que a consciência aí se comporta como essência pensante (HEGEL, 2002, p. 152-153).

O homem contemporâneo pode facilmente se refugiar no mundo do pensamento e se encontrar em uma liberdade diante da tecnologia, uma vez que ela pode deixar de ser um polo dialético, sendo assim, corre o risco de pensar que já possui o seu domínio. Contudo, a semelhança em Hegel é que o sujeito ao se retirar para seu mundo interior, tem grande possibilidade de continuar dependente da inteligência artificial que está a seu serviço e este desfruta de seus benefícios, o que por consequência pode chegar a uma negação do mundo real e querer viver somente em um mundo artificial, desta forma, Hegel classifica esta etapa como o ceticismo.

Com isso se determinou o agir do ceticismo em geral, e a maneira desse agir. O ceticismo revela o movimento dialético que são a certeza sensível, a percepção e o entendimento; e também a inessentialidade do que na relação de dominação e servidão, e do que para o pensamento abstrato vale como algo determinado. [...]. Pois é essa consciência-de-si que na certeza de sua liberdade faz desvanecer até esse outro que se fazia passar por real; e não só o objetivo como tal: também sua própria relação com ele, na qual vale e é valorizada como objetiva. Assim também [faz desvanecer] seu perceber, como igualmente seu consolidar do que estava em risco de perder-se: a sofistaria e seu verdadeiro determinado e fixado por sua conta (HEGEL, 2002, p. 156).

Com base nesta afirmação, a semelhança que pode suceder entre o homem e seu relacionamento com a tecnologia é que agora facilmente torna-se capaz a negação do mundo real para assim afirmar um mundo artificial e até mesmo abrir mão de si. Um sujeito facilmente vulnerável para fazer da realidade superficial um ideal, isto é, viver sempre em torno dela ao fazer o que lhe é estabelecido, não tendo consciência da forma como a usa ou está sendo usado, se expõe nas redes sociais com tantas maquiagens, e uma aparência totalmente distorcida da que é própria do indivíduo.

Diante de uma sociedade que impõe certos padrões de beleza a fim de que a pessoa se mostre desta ou daquela forma, pois no mundo virtual não é o ser verdadeiro que importa, mas a imagem retocada pelo photoshop, verdade e mentira vale a mesma coisa, o risco também se encontra na possibilidade de modelar sua vida ao traçá-la de acordo com esses ideais. Todavia, não se pode viver apenas neste mundo artificial visto que as necessidades humanas ainda existem para serem supridas e precisa-se do mundo natural, e nesta tentativa de tornar o mundo artificial real, abre-se para o sujeito a possibilidade de cair na consciência infeliz, conforme o que afirma Hegel:

Essa consciência infeliz, cindida dentro de si, já que essa contradição de sua essência é, para ela, uma consciência, deve ter numa consciência sempre também a outra; de tal maneira que é desalojada imediatamente de cada uma quando pensa ter chegado à vitória e à quietude da unidade. Mas seu verdadeiro retorno a si mesma, ou a reconciliação consigo, representará o conceito do espírito que se tornou [um ser] vivo e entrou na [esfera da] existência; porque nela mesma como uma consciência indivisa já é ao mesmo tempo uma consciência duplicada (HEGEL, 2002, p. 159).

Com a possibilidade de o homem chegar à consciência infeliz, mediante o seu relacionamento com a tecnologia fazendo dela como um ser vivo, visto que ele é posto neste mundo real, vive aqui e tenta alcançar seus objetivos em um mundo artificial.

Na busca por ser reconhecido, o homem pode perceber-se apenas mais um em bilhões. Na tentativa de desfrutar dos benefícios tecnológicos pode desaprender técnicas simples do dia a dia, no esforço de se enquadrar nos padrões de beleza apresentados em vários filtros, tem a possibilidade de se desfazer de si, ao querer ter a sua verdade reconhecida, pode se encontrar em um ambiente onde tudo vale e onde as falsas notícias ganham mais veracidade do que a própria verdade. Assim, ao se denominar como livre fisicamente, pode se perceber preso psicologicamente, ao querer ser o senhor em busca de uma autonomia ou realização, pode infelizmente se deparar como apenas um produto ou melhor, uma marionete nas mãos da tecnologia. Será que não há a possibilidade de um risco existencial, caso o homem não pense

como está seu relacionamento com ela, mediante a diversas formas? Por fim, esta reflexão é crucial, para que o sujeito busque esta autonomia de no mínimo se perguntar que tipo de usuário ele é, ou se de fato está sendo usado, abriu mão de sua liberdade, desaprendeu, e até mesmo, se tornou escravo da tecnologia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações feitas até aqui, podemos observar o problema de pesquisa que se dá na indagação sobre uma possível síntese no relacionamento entre o homem e a tecnologia à luz da dialética senhor e escravo de Hegel. Durante meus estudos no aprofundamento deste tema, me deparei com uma certa dificuldade em encontrar material, no entanto, pude chegar a possíveis sínteses das quais se estabelece nos momentos do estoicismo, ceticismo e da consciência infeliz.

Sendo assim, ao analisar os caminhos que o homem contemporâneo pode tomar como um desejo de realização, diante de tantas oportunidades oferecidas a ele em sua vulnerabilidade, como o capitalismo, consumismo, mas também os meios tecnológicos sendo este relacionamento o foco deste trabalho, foi necessário observar o impacto que a inteligência artificial tem em nosso mundo contemporâneo com seus benefícios e perigos.

Logo, fica clara a importância de abordar sobre a dialética senhor e escravo em Hegel tendo esta como o fio mediador da qual foi aplicada no relacionamento entre o homem e a tecnologia, e por fim analisar o caminho de uma possível síntese nesta relação mesmo que a tendência é aumentar cada vez mais e não vejo particularmente um fim, o que é assustador. Esta reflexão pode ser o início de algumas indagações a respeito desta conexão. Em um mundo em que aparenta não ter uma referência, busquei um modelo filosófico na dialética senhor e escravo de Hegel para ler esta realidade que nos cerca, pois este artigo, se identifica mais com a forma de olhar a realidade do que a defesa de um tema ou verdade.

Por fim, gostaria de observar que estamos correndo um sério risco de um problema existencial, já que a tecnologia pode despertar o pior da sociedade, se ela cria ou causa revolta na civilização através das notícias falsas, gerando falta de confiança entre as pessoas, alienação, solidão, mais polarização, fraude eleitoral, mais distração, insônia, depressão e vícios, isso é sociedade e se não fizermos uma profunda reflexão deste relacionamento, estaremos cada vez mais propensos a usá-

la de forma irracional, pois no fundo, os papéis podem se inverter como na dialética senhor e escravo e não será mais sobre os benefícios que ela nos oferece, mas quanto tempo de nossas vidas estaremos dispostos a dedicar à realidade virtual produzida pela tecnologia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Individualidade. In:_____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 70-116.

_____. Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar à prisão. In:_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama; Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 49-61.

_____. Transformações sexuais e amorosas: Derrocada dos tabus na era do amor on-line. In:_____. **Nascidos em tempos líquidos**. Tradução: Joana Melo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018. p. 59-89.

CUPANI, Alberto. Tecnologia: uma realidade complexa. In:_____. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. p.11-29.

FILHO, Carlo Benito Consentino. A Teoria da Informação e da Comunicação no Direito Individual no Trabalho. In:_____. **O direito do trabalho na revolução informacional e nas teorias dos movimentos sociais: impactos no postulado *autonomia*, nas relações individuais e coletivas de trabalho**, 2017. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. p. 60-78.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/26806/1/TESE%20Carlo%20Benito%20Cosentino%20Filho.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2020.

HEGEL Georg Wilhelm Friedrich. A verdade da certeza de si mesmo. In:_____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Menezes.7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 135-171.

HEIDDEGGER, Martin. O ser-no-mundo como ser-com e ser-si mesmo. O “impessoal”. In:_____. **Ser e tempo**. Tradução: Márcia Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 169-188.

KOHN, Karen; MORAES, Cláudia Herte de. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital**. 2007, 13, (artigo de iniciação científica) - UFSM/cesnors, Universidade Federal de Santa Maria, Santos, 2007. Disponível em:

<<https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-impacto-das-novas-tecnologias-na-sociedade-conceitos-e-caracter%C3%ADsticas-da-sociedade-da>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **LER e DORT são as doenças que mais acometem os trabalhadores, aponta estudo**. Brasília, 2019. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ler-e-dormir-sao-as-doencas-que-mais-acometem-os-trabalhadores-aponta-estudo>>. Acesso em: 09 out. 2020.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Filosofia: Idade Moderna**, 2. ed. 2. v. Tradução: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

VAZ, Henrique c. de Lima. Categoria do corpo próprio. In:_____. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 177-187.

_____. Categoria da realização. In:_____. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992. p.141-174.